



U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

MIARQINT&REAB

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

Ano Lectivo 2021/22 • 1º Semestre • 4º Ano Curricular | Disciplina de Laboratório de Projecto IV

DOCUMENTO 1: “CONTINUIDADE E CONTRASTE NO PROJECTO DE REABILITAÇÃO”

Em qualquer decisão de projeto na área de reabilitação (construir no construído) deve ser equacionada esta questão: vou agir em continuidade ou em contraste com o pré-existente?

Duma forma mais geral podemos até formular esta questão em qualquer acto de projeto de arquitetura, a qualquer escala, mesmo sem ser em reabilitação, porque nunca intervimos sobre um vazio: qualquer território tem uma história, uma morfologia, características únicas, qualquer lote vazio numa cidade tem a sua envolvente construída ou natural que o condiciona.

Esta dualidade, *Continuidade e Contraste*, pode definir-se em aspetos imateriais, como o programa da intervenção, ou o seu enquadramento estético, ou sobre aspetos materiais, como a cor, a estereotomia, a volumetria, etc. Na maior parte das situações ela coexiste de diversas maneiras a diversos níveis: numa abordagem de reabilitação podemos optar por uma continuidade de cor e um contraste de textura, ou uma continuidade volumétrica e um contraste de material, etc.

Se antes da nossa intervenção existe um edifício que foi formalizado para ser um edifício de habitação e agora pretendemos que ele seja uma escola estamos a agir em Contraste relativamente ao Programa existente.

Se o edifício em que vamos intervir tem uma estrutura de paredes portantes de alvenaria e agora pretendemos fazer uma ampliação em "junta seca" com estrutura metálica e painéis de revestimento, estamos a agir em Contraste relativamente à lógica estrutural existente.

Se o edifício em que vamos intervir tem uma superfície rebocada e pintada e a nossa intervenção mantém esse revestimento, mas com uma cor diferente, estamos a intervir em Continuidade relativamente ao revestimento, mas em Contraste relativamente à cor aplicada.

Daqui se percebe que numa mesma intervenção se pode equacionar esta dualidade de Continuidade e Contraste, utilizando uma e outra para atingir os objetivos da lógica do Projeto de Arquitetura. No entanto, em cada decisão, a questão será sempre a mesma: *Continuidade ou Contraste?*

De seguida são enumerados alguns elementos do processo de projeto em que esta reflexão é considerada fundamental:



U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

MIARQINT&REAB

FACULDADE DE
ARQUITECTURA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

Programa

A reflexão sobre o programa acontece antes de qualquer outra no processo de Reabilitação. Existem programas que conseguem ser aplicados sobre estruturas construídas pré-existentes, sem que isso as transforme na sua essência e identidade, e existem programas que não se enquadram nessas estruturas. Neste último caso, se o programa destrói a identidade da pré-existência, e se esta tem valor histórico, construtivo ou patrimonial, este não deve ser implementado, a não ser que existam condições para adicionar uma construção nova, em diálogo com a anterior, e que resolva o problema funcional.

Abordagem Estética

Refere-se à atitude de projecto que pode revelar uma opção de continuidade ou de contraste relativamente a um programa estético existente numa área da cidade, num edifício ou num programa decorativo em exterior ou interior.

A descontinuidade (contraste) poderá ser pretendida ao querer evidenciar uma intervenção contemporânea dum outra do passado, mas a questão da identidade e unidade de compreensão do objeto arquitetónico é fundamental para a estratégia de reabilitação, fazendo com que alguns critérios de continuidade devam ser respeitados.

Uma abordagem contemporânea em reabilitação pode agir também em continuidade, podendo esta manifestar-se sobre aspetos mais subtis (matéria, cor, proporção, ritmo) ou mais literais (repetição de elementos, por exemplo), tendo neste caso de ter mais atenção para não cair em “pastiche”, opção anacrónica.

Transição Espacial (diacrónica)

Refere-se ao pressuposto da percepção da Arquitectura através da sua 4ª dimensão, o tempo (cronos)_ ou seja, ao ato de projecto de provocar continuidade ou contraste na transição entre espaços. A arquitectura não pode ser percecionada na sua através dum imagem (foto), é fruto dum percepção enraizada no tempo, com origem no movimento do nosso corpo, no movimento dos nossos olhos, na sensação sinestésica (de vários sentidos ao mesmo tempo) com relevo também para o cheiro, o tato e a audição.

A um espaço alto fazemos suceder um espaço baixo (contraste de altura). A um espaço de determinada área e volume, de cor branca, fazemos suceder um outro com as mesmas características dimensionais, mas em que a cor tem forte presença (continuidade dimensional, contraste de cor), etc.



FACULDADE DE
ARQUITECTURA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

MIARQINT&REAB

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

Esta característica de transição diacrónica (em vários tempos) entre espaços pode evidenciar uma rutura entre a pré-existência e a nova intervenção (ao nível de contraste de materiais, dimensões, etc.) ou evidenciar uma intenção de continuidade, em que se reconheça subtilmente uma diferença (através de continuidade na maior parte dos seus atributos e contraste noutros). Neste último caso podemos utilizar um mesmo revestimento, mas com um acabamento ou estereotomia diferentes, por exemplo.

Escala

Refere-se ao desenho de continuidade ou contraste de escala que pode ser conseguido através da volumetria do construído ou do dimensionamento das suas partes constituintes. Esta característica pode ser conseguida sincronicamente ou diacronicamente, ou seja, num mesmo momento podemos observar um elemento que se destaca de outro que lhe é contíguo por diferença de tamanho, ou podemos observar uma alteração de escala ao transitarmos de um espaço para outro através do movimento do nosso corpo (ver ponto anterior).

Proporção

Muitas vezes confundida com escala, este elemento é fundamental na abordagem contemporânea à pré-existência. Uma análise morfológica valorativa desta revelará um conjunto de proporções, quer de conjunto (planta, alçados, volumetria) quer de partes ou detalhes, que permitirá uma elaboração de relações subtis de continuidade no projeto de reabilitação, sem correr o risco da imitação ou repetição decorativa. A mesma proporção pode repetir-se em diversos elementos espaciais de diferentes dimensões e características, ou seja, podemos utilizar a mesma proporção com escalas diferentes. Numa perspetiva duma abordagem de contraste, uma análise morfológica versando sobre as proporções será também fundamental para fundamentar esta abordagem.

Ritmo

Uma análise cuidada da pré-existência revelará ritmos existentes, ou seja, repetição de elementos construtivos ou decorativos, que são muitas vezes responsáveis pela caracterização da sua lógica espacial. Falamos por exemplo da repetição de elementos estruturais, da repetição de elementos construtivos como os vãos, da repetição de elementos decorativos como pilastras, etc. Mas falamos também de elementos tridimensionais como pórticos, ou elementos de compartimentação interior. Os ritmos da pré-existência são fundamentais para esta abordagem de continuidade e contraste, podendo os mesmos serem seguidos e reproduzido, subdivididos, etc (continuidade), ou ser propositadamente subvertidos na ação de reabilitação ou adição de construção nova (contraste).



FACULDADE DE
ARQUITECTURA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

MIARQINT&REAB

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

Forma

Uma análise da pré-existência revelará formas que se inscrevem nos preceitos da geometria regular euclidiana (quadrados, retângulos, círculos, etc.) ou formas irregulares, orgânicas, muitas vezes produzidas por acrescentos adicionados ao longo de várias épocas. O conhecimento destas formas, regulares e irregulares, são também importantes para os propósitos de continuidade e contraste, uma vez que permitem abordagens fundamentadas, quer num sentido quer no outro: uma proposta de formas regulares poderá contrastar duma pré-existência de cariz irregular. Já uma adição de forma circular será contrastante duma pré-existência de formas regulares e retas, etc.

Estrutura

Para além das questões do Ritmo que a estrutura pode evidenciar (ver ponto anterior), embora possa ficar escondida e dessa forma não pertencer ao ritmo do espaço, a opção estrutural é fundamental na abordagem a uma pré-existência, ou numa adição de obra nova. A continuidade ou contraste coloca-se aqui de uma forma determinadamente funcional: se a construção existente é de paredes de alvenaria portantes, continuar-se-á desta forma, ou adotaremos uma solução em betão, ou metal? E no caso de optar por uma destas opções, esta ficará escondida ou aparente, trazendo ritmo ao espaço?

Matéria

Refere-se este ponto à escolha da matéria, não dos Revestimentos (ponto seguinte), mas das soluções construtivas e constitutivas de paredes, pavimentos e tetos. Existe uma leitura tectónica da construção que torna muito importante as decisões relativas a este ponto. Se nos depararmos com uma pré-existência de construção pesada, paredes de pedra ou tijolo, ou betão, poderemos escolher a continuidade de utilização destes elementos ou o contraste através da aplicação de materiais ligeiros como painéis de gesso cartonado, placas de materiais compósitos, pré-fabricação ligeira, painéis metálicos, etc. Na primeira opção de continuidade da utilização dos mesmos materiais, podemos obter o objetivo do contraste através dos revestimentos e das suas características ou através do desenho do espaço entrando em consideração os aspetos enunciados anteriormente da Forma, Ritmo, Escala, Proporção, etc.

Revestimentos

Os revestimentos, como última camada das paredes que conformam os espaços, são os responsáveis pela qualificação da perceção desses espaços, e por isso de inegável importância no processo de reabilitação. Devem assim ser cuidadosamente analisados e registados para que constituam matéria de opção e decisão de projeto no contexto de continuidade e contraste. As características dos revestimentos que devem ser tidas em consideração são:



FACULDADE DE
ARQUITECTURA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

MIARQINT&REAB

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

- Material
- Estereotomia
- Cor
- Textura (física e visual)
- Brilho

Luz

O espaço arquitetónico torna-se visível pela luz, e é pela luz que estes espaços são qualificados funcional e esteticamente. A análise dos processos pelos quais um edifício é tornado visível (luz natural e artificial) constitui, pois, um fator de qualificação e caracterização desse edifício. Falamos de vãos, do seu número, da sua dimensão, proporção e localização, mas também dos processos de iluminação artificial. E falamos também da sua relação com os materiais e características dos revestimentos sobre os quais a luz é refletida (o brilho, a cor, a textura, etc.).

Cor

Isolamos esta característica da qualificação do espaço, uma vez que ela é transversal aos pontos anteriores e não se deve apenas encontrar representada nos revestimentos. A paleta de cor dum espaço afeta os nossos sentidos quer numa forma estética, emocional, quer numa forma funcional, ergonómica. Toda a matéria reflete cor, pelo que a paleta dum espaço deve conter todos os materiais desse espaço, quer sejam superfícies pintadas, quer sejam materiais aparentes como a pedra, a madeira, etc.

A escolha dum cor pode adequar-se a uma função ou não, pode fazer parte dum programa estético, pode formalizar uma transição espacial, pode enfatizar ou amenizar efeitos visuais de escala ou proporção, pode definir ritmos, formas, enfatizar ou dissolver elementos estruturais no seu fundo e pode, finalmente, refletir mais ou menos a luz de um espaço, tornando-o mais ou menos luminoso.

A cor pode, pois, ser utilizada em conjunto com os pontos anteriores para ajudar a conseguir os objetivos da abordagem arquitetónica à reabilitação de pré-existências.

Lisboa, 27 setembro 2021

João Pernão